

SETOR EXTERNO E ECONOMIA INTERNACIONAL

O que esperar da economia mundial?

Nilson de Paula¹⁸

Os rumos da economia mundial nos últimos meses têm assumido grande importância para as análises sobre as perspectivas da economia brasileira, considerando particularmente os persistentes saldos favoráveis em sua balança comercial. Em vista disso, o objetivo deste artigo é discutir os principais eventos em curso mundialmente e seus possíveis desdobramentos num cenário de curto prazo.

A evolução recente da economia mundial tem sido marcada por incertezas capazes de reverter o quadro observado no ano de 2004 e indicando um cenário menos promissor para o corrente ano. É sabido que as previsões para o corrente ano têm sido fortemente afetadas por acontecimentos políticos de ampla repercussão, dentre os quais se destaca a ainda complicada situação do Iraque, o recrudescimento dos ataques terroristas, a fragilidade institucional européia após o “não” de franceses e holandeses à proposta de constituição, além de outros de alcance apenas regional. Além disso, previsões pouco otimistas começaram a ser alimentadas por dificuldades enfrentadas pelas principais economias, resultando numa redução de 5,1% para 4,3% na taxa de crescimento da economia mundial, segundo projeções do FMI (2005). Na realidade, ao longo do primeiro semestre de 2005, prevalecia a percepção generalizada de que o ritmo de crescimento seria apenas moderado, a exemplo do levantamento realizado pela agência Reuters junto a 22 estrategistas (www.scotsman.com). Mais ainda, essa projeção reflete uma inflexão em todas as economias, independente de seu grau de desenvolvimento, embora um cenário ligeiramente mais promissor seja previsto para o ano de 2006.

Entretanto, revisões periódicas têm ora confirmado aquelas projeções ora sugerido um quadro menos pessimista para a economia mundial, especialmente após o primeiro semestre, em função de sinais positivos de recuperação nas principais economias.

¹⁸ Doutor em Economia pela University College London e Professor do Departamento de Economia da UFPR. Endereço Eletrônico: nilson@ufpr.br.

Tabela 1. Taxa de crescimento do Produto Interno Bruto de algumas economias-2003/06

| País | 2003 | 2004 | 2005* | 2006* |
|------------------|------|------|-------|-------|
| Estados Unidos | 3 | 4,4 | 3,6 | 3,6 |
| Europa | 0,5 | 2 | 1,6 | 2,3 |
| Japão | 1,4 | 2,6 | 0,8 | 1,9 |
| Brasil | 0,5 | 4,9 | 3,7 | 3,5 |
| China | 9,3 | 9,5 | 8,5 | 8 |
| Economia mundial | 4 | 5,1 | 4,3 | 4,4 |

Fonte: FMI - * estimativa

Tendo por base os dados da tabela 1, o comércio mundial de bens e serviços deve crescer neste ano a uma taxa de 7,4%, após ter atingido 9,9% em 2004, devendo manter-se neste nível em 2006 (FMI, 2005). Além disso, as economias avançadas devem elevar seus níveis de exportações e reduzir o de importações para o ano de 2006, o que de certa forma pode implicar em maiores dificuldades na balança comercial das economias emergentes.

Se por um lado, as perspectivas de crescimento no curto prazo podem ser generalizadas nas economias em condições distintas de desenvolvimento, por outro refletem um envolvimento destas em torno dos mesmos mercados. Assim, quanto mais integrados à economia global, mais uniformemente os países tendem a reproduzir as mesmas oscilações. O maior percentual previsto para as transações comerciais relativamente ao crescimento do produto é em si um forte indicador do crescente grau de integração da economia mundial.

O ritmo de crescimento da economia mundial não pode ser analisado sem considerar o comportamento das economias americana, européia e asiática (considerando apenas Japão, China e Coreia do Sul), cujo peso no PIB global chegou em 2004 a 28,5%, 29,6% e 17%, respectivamente (Banco Mundial, 2005). Portanto, essas economias são determinantes das tendências globais, não apenas por deterem mais de 75% do produto mundial, mas por se constituírem nos principais *players* do mercado global, portanto, influenciando o crescimento do produto e das exportações das demais economias. Essa importância, todavia não torna essas economias menos vulneráveis diante de um ambiente de incertezas gerado principalmente por uma alta persistente do preço do petróleo, pelas elevadas taxas de juros e por um realinhamento cambial generalizado em função da desvalorização do Dólar, cuja influência nas projeções de crescimento da economia mundial é incontestável.

O significativo aumento do preço do petróleo, de US\$10 em 1998 para um nível superior a US\$ 60 em 2005, indica uma mudança de patamar em torno do qual a economia mundial deve se adaptar. Ou seja, não é certo que as oscilações reconduzam os preços para seu ponto original, devendo o piso ser elevado para algo próximo de US\$40. Segundo *survey* publicado pela revista *The Economist*, o recorde alcançado pelo preço do petróleo está ligado principalmente a uma preocupante combinação entre oferta limitada, aumento expressivo de demanda e especulação financeira.

Do lado da oferta, o primeiro aspecto a ser levado em conta se refere a uma redução da capacidade produtiva tanto por falta de investimentos adicionais por parte da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP), o que implica em reservas insuficientes para fazer frente a uma demanda em expansão, quanto por receio de que investimentos adicionais possam ser neutralizados por uma redução repentina de preço. Assim, mesmo que os preços venham aumentando sistematicamente, um ambiente de cautela parece predominar entre os países produtores. Uma reversão das tendências parece depender em grande parte de decisões tomadas pela Arábia Saudita, cujas reservas atuais (262,7 bilhões de barris, 22% das reservas mundiais) superam a do conjunto dos demais países produtores, apesar do tempo previsto para exploração daquelas ser menor. Portanto, as garantias de oferta (*buffer*) nesse mercado estão atreladas às posições assumidas pelos detentores de reservas diante da evolução dos preços.

Em segundo lugar, uma seqüência de eventos políticos alimentou incertezas relacionadas às condições de produção, tais como a invasão do Iraque seguida de ataques terroristas também se propagando na Arábia Saudita, a quebra da empresa russa Yukos, a instabilidade política na Venezuela e na Nigéria e finalmente a eleição no Irã. Essa incerteza do lado da oferta vem coincidindo com um aumento desproporcional do consumo, chegando em 2004 a 3,4% contra uma média de 1,2% nos anos anteriores, em particular por parte dos países asiáticos.

Por fim, um último ingrediente a ser considerado está situado na esfera financeira, cuja estratégia de canalizar investimentos para mercados promissores vem exercendo uma pressão especulativa sobre os preços do petróleo. A incerteza que permeia o mercado de petróleo, com impacto direto sobre os níveis de preço, é o resultado também de circunstâncias políticas nos principais países produtores. Além da conhecida situação do Iraque, a eleição no Irã de um presidente frontalmente desafiador dos interesses americanos e

a morte do rei Fahd da Arábia Saudita são ingredientes importantes dos recordes sucessivos de preço do petróleo no mercado internacional.

Outro fator de desestabilização dos mercados globais, com forte influência sobre o ritmo de crescimento da economia, está na desvalorização do Dólar, com efeitos generalizados tanto nas relações comerciais quanto no mercado de juros. Durante os últimos três anos a moeda americana perdeu 35% em relação ao Euro e 24% em relação ao Yen (*The Economist*, 2004). No caso da Europa, o efeito imediato de um Euro mais caro tem sido um saldo da balança comercial reduzido em mais de US\$30 bilhões, no período de 12 meses até abril de 2005 (*The Economist*, 2005). Com isso crescem as expectativas em relação ao mercado interno.

Segundo a OCDE (2005), o desafio imediato da Europa está em recuperar o nível de demanda interna para contrabalançar as perdas em conta corrente e os efeitos deflacionários das reformas econômicas. Adicionalmente, em vista de um crescimento do PIB abaixo do verificado em 2004, uma demanda enfraquecida vem alimentando previsões de redução da taxa de juros ainda no segundo semestre. Taxas de juros elevadas estimularam um aumento de poupança e, conseqüentemente, uma redução no nível de consumo, gerando um quadro recessivo para a indústria, a exemplo do Reino Unido, cuja economia vem sendo castigada por custos elevados de crédito e pelos altos preços do petróleo (Valor Econômico, 25/07/05).

Dessa forma, a perspectiva de recuperação da economia européia em 2006 está diretamente condicionada a uma redução dos juros acompanhada por uma estabilidade cambial e por uma redução do preço do petróleo. Além disso, esse cenário deve ser fortemente influenciado pelas dificuldades inerentes à implementação de reformas constitucionais visando aprofundar a integração econômica e à estratégia de expansão do bloco em direção aos países do leste. Nesse ínterim, até que esse cenário se materialize, a Europa deve padecer de grande incerteza e fragilidade em sua economia durante o segundo semestre do presente ano.

A Ásia por sua vez vem se comportando de forma distinta, tanto pela recuperação do Japão já em 2004, apesar da queda observada em 2005, quanto pela magnitude do crescimento da China, mesmo que em ritmo decrescente. Embora o aumento das exportações chinesas seja explicado por baixos salários e pela forte presença de empresas estrangeiras em certos setores industriais de montagem, a moeda desvalorizada vem sendo determinante na conquista de um superávit comercial expressivo. A pressão internacional, particularmente por

parte dos Estados Unidos, para uma mudança da política cambial chinesa, resultando no final de Julho/05 numa valorização do Yuan em 2,1%, tem objetivado tanto garantir a sobrevivência de setores industriais quanto equilibrar as contas externas de várias economias, no que um maior acesso ao mercado chinês pode contribuir. Entretanto, o significado maior dessa alteração está na flexibilização do regime cambial e seus efeitos de longo prazo, além da redução, mesmo que pequena, nas perdas de comércio com a China por parte de vários países.

Mesmo que teoricamente a desvalorização da moeda nacional seja um mecanismo para equilibrar a balança comercial, o enfraquecimento do Dólar não tem até agora reduzido seu saldo negativo e muito menos o déficit da balança de pagamentos, cujo montante deve alcançar quase 7% do PIB em 2006, US\$ 900 bilhões a mais do que em 2004, segundo a OCDE. E mais, uma queda das importações e um crescimento das exportações motivadas por um Dólar mais fraco tiveram, nos primeiros meses deste ano, um impacto desprezível no crescimento da economia. Entretanto, o dilema da depreciação do Dólar pode ser identificado em duas frentes. Primeiramente, diante da possibilidade de reduzir importações e aumentar exportações, a economia americana melhora sua posição nas relações externas amenizando problemas de competitividade de sua indústria e transferindo para o resto do mundo a solução para sua condição deficitária. Em segundo lugar, a perda de valor do Dólar deve levar os detentores de ativos financeiros a se deslocarem para outras moedas, gerando um excesso de oferta de Dólar e conseqüentemente uma desvalorização das reservas cambiais de outros países.

Como observado acima, o cenário de 2005 ainda não está totalmente definido, tendo em vista sinais momentâneos de recuperação das economias centrais. Um maior otimismo parece ocupar as previsões atuais de crescimento relativas àquelas economias, traduzidas numa redução do desemprego, num aumento do consumo interno, num aumento da produção industrial, etc. Essa mudança com certeza é bem vinda pelas economias emergentes, embora sua manutenção nos próximos meses ainda seja algo não totalmente previsível.

Referências

- Banco Mundial (2005). *World Development Indicators database*, July 2005.
- Fundo Monetário Internacional (2005), *Economic Prospects and Policy Issues*
- OCDE (*Economic Outlook* no. 77, May/2005)
- The Economist, Dec. 2nd 2004 – *The disappearing dollar*.
- The Economist, June, 25th 2005, *Overview*, pg. 100)
- Valor Econômico, Pág. A9, *Reino Unido tem menor expansão em 12 anos*, 25 de Julho 2005.